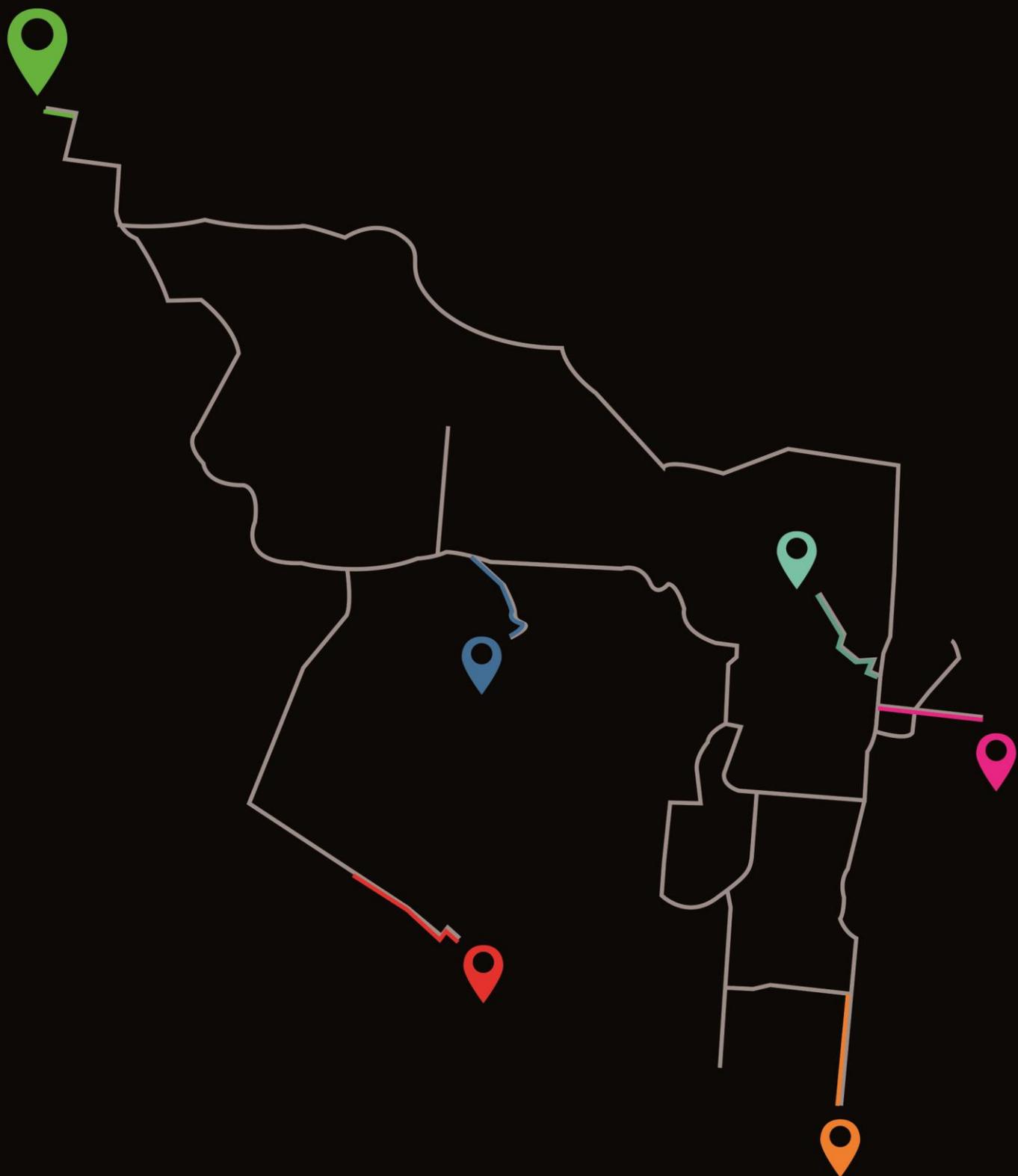


A EXPERIÊNCIA COMO INVENÇÃO NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE ARTES VISUAIS



Isabela Barp Brogni

Dra. Aurélia Regina de Souza Honorato

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

ISABELA BARP BROGNI

**A EXPERIÊNCIA COMO INVENÇÃO NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE
PROFESSORES DE ARTES VISUAIS**

CRICIÚMA

2017

ISABELA BARP BROGNI

**A EXPERIÊNCIA COMO INVENÇÃO NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE
PROFESSORES DE ARTES VISUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Dra. Aurélia Regina de Souza Honorato

CRICIÚMA

2017

ISABELA BARP BROGNI

**A EXPERIÊNCIA COMO INVENÇÃO NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE
PROFESSORES DE ARTES VISUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, na Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 20 de novembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Aurélia Regina de Souza Honorato
Doutora em Ciências da Linguagem - UNISUL - Orientadora

Prof. Marcelo Feldhaus
Mestre em Educação - UNESC

Prof. Marcos Antônio dos Santos
Especialista - FUCAP

Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre priorizaram a educação na nossa casa.

AGRADECIMENTOS

Nesta caminhada, aprendi que agradecer é o gesto mais simples e verdadeiro que eu posso estender às pessoas que me cercam a cada dia. Durante este percurso acadêmico, contei com a singularidade de pessoas muito especiais que eu não poderia deixar de citar aqui.

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida e por todas as oportunidades concedidas, juntamente com a força e a coragem de encará-las.

A todo amor, dedicação e trabalho da minha mãe Aida Raquel Barp Brogni, que não mediu esforços para me manter confiante no meu objetivo, amparando todas as dificuldades do meu percurso de me tornar *professora*. A você mãe, eu vou ser eternamente grata.

Ao dono da minha saudade, meu pai Mauro Luiz Brogni, que mesmo não estando mais aqui hoje, me revelou que a simplicidade e a generosidade são qualidades primordiais do ser humano.

A minha irmã Ana Clara Barp Brogni, pela paciência durante esse período de pesquisa, e por todo carinho e parceria fortalecidos ao longo dos anos.

Agradeço também a minha querida vó Neide, primeira professora pedagoga da família e minha fonte de inspiração. Obrigada por sempre lembrar de colocar o meu nome em suas orações.

Ao meu namorado Cesar Santiago da Silva, que acompanha minha dedicação aos estudos desde a Educação Básica, e está ao meu lado em cada conquista. Obrigada por todas as palavras de conforto e encorajamento.

Agradeço a todos os professores que tive na graduação em Artes Visuais – Licenciatura, que com muito discernimento proporcionaram experiências e estudos valorosos para a minha formação. Agradeço em especial a professora Aurélia Regina de Souza Honorato, por me orientar nesta pesquisa com muita sabedoria, e evidenciar nos nossos encontros, a potência da arte na educação.

E agradeço também às minhas amigas de caminhada acadêmica, Priscila Borges de Oliveira, Camila Rodrigues Venzon de Oliveira da Silva, Cláudia Wrobel Dalpiaz, Deyse Freitas Kamigouchi e tantos outros que conheci ao longo desses anos. Que a nossa amizade continue florescendo.

**“A arte é o espaço disponível para
ampliarmos o campo do possível”.**

Luiz Osorio

RESUMO

Esta pesquisa está inserida na linha de Educação e Arte do Curso de Artes Visuais - Licenciatura da UNESC e é sustentada pela A/r/tografia, uma metodologia de pesquisa que investiga que a arte faz parte das reflexões da nossa vida, das práticas de professores e artistas. Apresenta como problemática: o que pensam os egressos de Artes Visuais, que estão hoje atuando em escolas, sobre sua formação continuada? Eles utilizam os materiais de sua graduação na preparação das práticas escolares? Continuam buscando conhecimento para além da graduação? Tem como objetivo investigar de que forma os egressos de Licenciatura em Artes Visuais percebem e compreendem sua formação continuada e como esta formação vem sendo efetivada em suas práticas. A pesquisa de campo aconteceu a partir de uma conversa com três professoras egressas do curso, e as falas coletadas são apresentadas ao longo da escrita. O trabalho busca refletir teoricamente os conceitos de formação continuada de professores de Artes, arte, e ensino da arte, articulados a ideia de prática pedagógica. Alguns dos autores que acompanham estas discussões são: Barbosa (1998), Honorato (2015), Biasoli (2007), Iavelberg (2003, 2007), Ferraz e Fusari (2009), Hernández (2005), Loponte (2015), Arslan, dentre outros. A pesquisa busca refletir sobre a experiência com a arte na vida das pessoas, em especial dos professores desta área de conhecimento, assim como a ampliação de possibilidades na busca por formação continuada, e da reflexão sobre as práticas pedagógicas dos professores de Artes.

Palavras-chave: Ensino da Arte. Formação de professores. Formação continuada. Experiência.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Mona Lisa, Leonardo da Vinci (1503-1506)	18
Imagem 2 - Dialogue from DNA, Chiharu Shiota (2004)	24
Imagem 3 - Série Cartões Postais de lugar nenhum, Rio de Janeiro - Vik Muniz (2013).....	41
Imagem 4 - Visita ao Museu Oscar Niemeyer	42
Imagem 5 - Série Lixo extraordinário, The Bearer Irma – Vik Muniz (2008).....	44
Imagem 6 - Mapa	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EVA	Ethil Vinil Acetat
LDB	Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PIBID	Programa Institucional de Bolsas a Iniciação a Docência
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCSC	Proposta Curricular de Santa Catarina
PROESDE	Programa de Educação Superior para o Desenvolvimento Regional
SC	Santa Catarina
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 COMO CHEGUEI AQUI.....	10
2 NO MEIO DO CAMINHO, A ARTE	18
3 UM ENCONTRO COM AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	29
4 NA ROTA DA FORMAÇÃO CONTINUADA.....	37
5 UMA PROPOSTA, MAIS UM CAMINHO.....	47
6 UMA PARADA PARA CONSIDERAR E NÃO PARA CONCLUIR	49
REFERÊNCIAS.....	53
APÊNDICE(S).....	55
APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA.....	56

1 COMO CHEGUEI AQUI

Início relembro da minha infância, momentos em que brincar e se divertir até anoitecer na rua, eram prioridades. Quando criança, uma das minhas brincadeiras preferidas era chamada por nós de *escolinha*, e eu gostava tanto, que um dia minha mãe utilizou um espaço vazio no porão de casa, pregou um quadro na parede, botou estantes, brinquedos e cadeiras, como se fosse uma sala de aula. Ali, eu me reunia todo final de semana com as minhas amigas, e caso elas não fossem, ficava apenas eu e meus alunos imaginários. Lembro-me que só brincava se eu fosse a professora, que explicava os conteúdos a partir do meu livro didático da escola, conferia deveres e aplicava provas. Eu levava tão a sério a *escolinha*, que organizava tudo em um caderno. Nele eu escrevia as chamadas de todas as turmas que eu dava aula, as notas dos alunos e anotações quando necessário. Uma das memórias mais vivas que tenho da infância. Quanta saudade! Nesse espaço eu também estudava para a escola, resumia todo o assunto das provas no quadro e passava as tardes lendo.

Minha relação com a arte iniciou cedo. Fiz parte de oficinas de pintura em panos, grupos de dança e *ballet*, que em diversos momentos me deram a oportunidade de fazer apresentações fora da minha cidade, Nova Veneza/SC. Quando adolescente, me dediquei aos estudos, me formei técnica em Comunicação Visual, juntamente com o Ensino Médio e após o término da Educação Básica, não sabia que rumo tomar e em que curso de graduação ingressar. Prestei vestibular para Design de Moda e Design Gráfico, mas no fim, optei em fazer um curso de Aprendizagem de Desenhista de Moda.

Certo dia transitando pela UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense), fazendo algumas matérias de Nutrição por conta da loja de produtos naturais da minha mãe, me deparo com uma amiga que segurava uma pasta escrita Artes Visuais. Conversando com ela, rapidamente perguntei sobre o curso, como era e o que estudava, e cheia de entusiasmo ela me respondia. Naquele dia, ao me despedir, eu só pensava nas palavras Artes Visuais.

Pesquisando no site¹ da UNESC sobre o curso, me encantei ao ler que o mesmo, habilita o egresso a ser principalmente, professor. Depois de alguns dias

¹ Disponível em: <http://www.unesc.net/portal/capa/index/615> Acesso em: 07/10/17 às 18h20.

refletindo, relembrando da minha infância e dos momentos em que eu tinha prazer em brincar de *ser professora* comecei a achar que de alguma maneira isso poderia ter relação com a minha futura profissão. Assim, um dia cheguei em casa e disse “- Mãe, eu não quero Nutrição, eu quero Artes Visuais”. Sempre tão compreensiva, ela me apoiou, e no segundo semestre do mesmo ano, ingressei no curso de Artes Visuais – Licenciatura.

Ver um professor e ser um professor foi algo muito impactante na minha trajetória. Admirar os professores é fácil, difícil mesmo é ser um deles. Quanta responsabilidade! Minhas tias, professoras, muitas vezes me perguntavam se era isso mesmo que eu desejava, e sempre tão firme e segura, eu respondia que sim. Durante todo meu percurso de formação inicial, eu me transformei. Comecei a me ver professora de Artes, a desejar e estudar para ser uma profissional da área da educação e todo aquele vazio que eu sentia em não saber que rumo tomaria, foi se preenchendo nas aulas de metodologias, nas aulas de ateliês, produções escritas e nas atuações dos estágios obrigatórios.

No presente, ao pensar em um tema que venha estabelecer-se como pesquisa de trabalho de conclusão de curso, lembro-me de diversas experiências que possuo e venho adquirindo durante a graduação em Artes Visuais - Licenciatura. As pesquisas do PROESDE² Licenciatura, os estágios obrigatórios e encontros semanais do PIBID³, em escolas municipais e estaduais das cidades de Nova Veneza e Criciúma/SC, torna meu contato com a sala de aula, alunos e espaço escolar cada vez mais frequente. A minha expectativa diante da disciplina de Artes aumenta e me move a observar como ela se dispõe na educação básica e de que forma os professores podem tornar o ensino mais significativo a partir da potência que o ensino da arte é na formação dos sujeitos.

Ao transitar pelas escolas e ter certa aproximação com algumas turmas, conversei com alunos de variados níveis da educação básica, e ao perguntar informalmente sobre a disciplina de Artes sempre me deparei com muitas críticas sobre as aulas, e raros elogios. Muitos a veem apenas como desenho e releitura de

² Programa de Educação Superior para o Desenvolvimento Regional (PROESDE Licenciatura) é um curso de extensão que envolve todas as licenciaturas da Universidade. A base de estudos é a Proposta Curricular de Santa Catarina. Maiores informações em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/graduacao/proesde/licenciatura/> Acesso em: 07/10/17 às 8h40.

³ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) visa à inserção dos acadêmicos em formação inicial, no contexto das escolas públicas. Maiores informações: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid> Acesso em: 10/10/17 às 8h45.

obras, outros, falam sobre o professor de Artes, criticando a mesmice, por exemplo, quando sabem que no 8º ano trabalharão determinado conteúdo, pois é utilizado o mesmo planejamento pelo professor, ano a ano, sem mudanças. Aulas maçantes, sem motivação e expectativas, vistas num panorama delimitado e limitado.

Surgem então minhas indagações e inquietações em querer compreender esses dilemas. A meu ver as aulas nas escolas se constituem pelo encontro do professor com seus alunos, e esse encontro para ser significativo para ambos os lados precisa ter planejamento por parte do professor e envolvimento e entrega por parte de todos. Não se pode colocar a responsabilidade das aulas apenas nos professores, mas o papel do professor neste movimento de manutenção da motivação e interesse dos alunos pelas aulas é fundamental. A partir deste ponto passo a refletir sobre a profissão professor. Sobre os porquês da acomodação que se apresenta na ação de muitos professores de Artes em seus percursos profissionais; das muitas vezes que deixam de investir na carreira, não buscam uma formação continuada, não apresentam materiais diferenciados em suas propostas pedagógicas. Logo, o porquê dessa rotina enquadrada, que engessa o trabalho do professor, que a cada dia vai se fechando mais, não havendo alterações nos planos de aula, não buscando instigar os alunos para uma formação estética e sensível a partir da potência que a arte promove.

Por que se perde a motivação e como é possível esquivar-se da acomodação? Essas perguntas surgem quando relembro que durante toda formação inicial, o curso de Artes Visuais propõe discussões sobre a importância de continuarmos buscando conhecimento em razão de estarmos num mundo em constante mutação, sendo necessário prosseguir com os estudos, atualizar-se e aprimorar-se de conteúdos aprendidos durante a graduação para utilizá-los em práticas na educação básica. Rosa e Schnetzler (2003, p. 27) discutem a problemática da formação continuada a partir da:

[...] necessidade de contínuo aprimoramento profissional e de reflexões críticas sobre a própria prática pedagógica, pois a efetiva melhoria do processo ensino-aprendizagem só acontece pela ação do professor; a necessidade de se superar o distanciamento entre contribuições da pesquisa educacional e a sua utilização para a melhoria da sala de aula, implicando que o professor seja também pesquisador de sua própria prática; em geral, os professores têm uma visão simplista da atividade docente, ao conceberem que para ensinar basta conhecer o conteúdo e utilizar algumas técnicas pedagógicas.

Muitas vezes me deparo com medo de não ser a professora que o curso espera que eu seja ou de não ter a qualificação que um dia pretendo ter. Mas penso que este desejo de estar em contínuo aprimoramento profissional é algo singular, e que depende apenas da automotivação do próprio professor. Ele que deve procurar meios que possibilitem a continuidade de sua formação, e que auxiliem na reflexão da sua prática docente. Sobre esta discussão, Candau (2003, p. 64) ressalta que:

A formação continuada não pode ser concebida como um meio de acumulação (de cursos, palestras, seminários, etc., de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal e profissional, em interação mútua. E é nessa perspectiva que a renovação da formação continuada vem procurando caminhos novos de desenvolvimento.

Diante disso, o processo da formação continuada de professores possibilita a eles um aprimoramento dos conhecimentos de sua área, comprometendo-os com as necessidades da sociedade atual, que constantemente está se modificando e necessitando de docentes capacitados nas escolas. Todas estas experiências e reflexões que aponto nesta escrita me movem a pensar minha questão de pesquisa: **o que pensam os egressos de Artes Visuais, que estão hoje atuando em escolas, sobre sua formação continuada? Eles utilizam os materiais de sua graduação na preparação das práticas escolares? Continuam buscando conhecimento para além da graduação?** São tantos questionamentos que a questão problema se torna ampla, mas compreende o panorama que investigo.

O meu interesse foi de pesquisar os egressos do curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, averiguar sua rotina, saber em quais escolas atuam, com que turmas e quantas horas semanais trabalham. Questionei sobre seus planejamentos, sobre a forma como articulam os conteúdos estudados na graduação com a educação básica. Quais os métodos que utilizam para ensinar. Se usam materiais da formação inicial nas práticas escolares. Também procurei investigar se continuam estudando, se fazem pós-graduação, mestrado, cursos, capacitações ou atualização docente. Essas questões me deram a direção para encontrar possibilidades de pensar a questão central da pesquisa articulando-a com as teorias do campo.

A partir disso, minha pesquisa se insere na linha de Educação e Arte⁴ do curso de Artes Visuais - UNESCO, onde tracei como objetivo geral: investigar de que forma os egressos de Licenciatura em Artes Visuais percebem e compreendem sua formação continuada e como esta formação vem sendo efetivada em suas práticas. E como objetivos específicos: discutir teoricamente os conceitos de formação continuada de professores de Artes, arte, e ensino da arte, articulados à ideia de prática pedagógica; Perceber na fala dos professores egressos do curso, como constroem a sua prática; Buscar nas teorias os aspectos que se relacionam à formação dos professores e suas práticas.

Existem muitas formas para se pensar a metodologia de pesquisa, mas os pressupostos da A/r/tografia me chamaram atenção por propor que a arte faz parte das reflexões da nossa vida, das práticas de professores e artistas, entendendo tanto a imagem quanto a fala como formas de pensamentos significativos que se complementam e se unem. De acordo com Belidson Dias (2013, p. 25), a A/r/tografia “é uma forma de representação que privilegia tanto o texto (escrito) quanto a imagem (visual) quando eles encontram-se em momentos de mestiçagem ou hibridização”.

Esta pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa que permite respostas a questões que se relacionam com atitudes, sensações, percepções e construção de sentidos.

Para alcançar meus objetivos se fez necessária uma conversa realizada em dois encontros com três professoras egressas⁵ do Curso de Artes Visuais – UNESCO. A coleta de dados efetivou-se a partir de um roteiro de conversa elaborado previamente, que fazia reflexões sobre imagens de produções de arte contemporânea, palavras e perguntas. Utilizei um roteiro mais dinâmico com a intenção de possibilitar uma conversa mais aberta, que possibilitasse percorrer por diversos assuntos da arte e que motivasse as egressas a contarem suas experiências na trajetória de se tornarem professoras. As imagens de produções de arte contemporânea contribuíram para que elas pensassem nesses momentos, trazendo em paralelo o olhar delas sobre a produção recebida. As perguntas faziam

⁴ Disponível em: http://www.unesc.net/portal/resources/files/42/normas_tcc_licenciatura.pdf Acesso em: 05/10/17 às 17h30.

⁵ No decorrer do texto, ao falar sobre professores de modo geral, optei em tratá-los preferencialmente pelo gênero masculino. Para me referir das participantes da pesquisa de campo, denominei de professoras egressas ou egressas, especificando dos demais.

reflexões sobre as práticas docentes, a formação inicial e a formação continuada. Toda conversa com as professoras egressas foi gravada e transcrita, feita a devolutiva posteriormente. No final do encontro também solicitei que elas produzissem narrativas escritas de experiências marcantes e me enviassem por e-mail.

Nas duas conversas falamos sobre assuntos que não estavam previstos no roteiro, o que deixou minha pesquisa de campo muito mais interessante, me instigando a pensar em uma nova forma de apresentar os discursos das egressas no meu texto. Assim, optei em utilizar as falas das professoras egressas durante toda a escrita da fundamentação teórica, ampliando as discussões das temáticas declaradas. Uma das participantes escolheu usar nome fictício e as demais seus nomes reais. As falas coletadas durante as conversas e transcritas aqui, aparecem no texto em formatação itálica objetivando diferenciá-las.

Por sermos sujeitos presentes em um contexto social, onde a interação com o outro é fundamental, narrar algo faz parte da nossa vida. A todo o momento sentimos a necessidade de contar o que acontece no nosso dia-a-dia para alguém. Esses acontecimentos compartilhados através da fala são acontecimentos que de alguma forma significam algo para nós e podem vir a tornarem-se momentos históricos da nossa caminhada. Contar é reviver, é mover a nossa memória para o tempo e espaço ocorrido, onde conseguimos visualizar a cena novamente, detalhar fragmentos e contar o que aconteceu.

Na conversa com as egressas, ao contarem algumas experiências como acadêmicas do curso ou professoras da Educação Básica, pude visualizar a ação detalhada junto a elas, que constantemente fazia-me lembrar de experiências minhas durante a graduação. Assim percebo a potência da narrativa presente na conversa com o outro, consistindo um espaço de mudança, de ressignificação, de relato de experiência. Desta forma percebo que um dos pontos principais de minha pesquisa são as histórias narradas pelas participantes, que vejo como espaços de abertura para o pensamento e para a mudança nos modos de vida. Sinner et al. (2013, p. 111) afirma que tanto a A/r/tografia como a pesquisa baseada em arte “[...] estão fundamentalmente preocupadas com a partilha de experiências vividas, porque a colaboração representa um potencial para incluir vozes em pesquisa que não podem ser ouvidas de outra maneira”.

A investigação a partir de narrativas escritas não gera somente conhecimento para os leitores, mas textos e relatos que quando lidos favorecem o diálogo e a reflexão sobre suas próprias experiências, a fim de relatá-las para outras pessoas. (HERNÁNDEZ, 2013). As experiências que descrevo aqui me fazem pensar no conceito de experiência trazidos por Larrosa (2002, p. 21), que nos diz que a experiência é “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. Ou seja, a experiência é aquilo que vivemos de fato, que nos transforma, nos move, nos faz refletir ao pensarmos, simplesmente porque nos tira do provável, do comum.

Larrosa (2002) discute, que o sujeito da experiência é um território de passagem, o que acontece lhe afeta de alguma maneira, e isso ocorre por sua disponibilidade e abertura a novas experiências. Logo, se o sujeito se permitir, ele poderá ter experiência. O autor também acredita que atualmente ter uma experiência é raro, pois as pessoas estão sempre correndo contra o tempo e conseqüentemente deixam de aproveitar momentos importantes da sua vida. No meu trabalho, escuto diariamente clientes se queixando que os dias andam passando mais rápido, que não dá tempo para fazer nada, e eu reflito se não são as pessoas que andam aceleradas ou impacientes demais, querendo desempenhar muitas atividades em um curto espaço de tempo.

Na educação, digo nas escolas, não é diferente. A relação entre as pessoas é constante e é necessário disponibilizar tempo para que a experiência aconteça. Dessa forma, concordo com Honorato (2015), quando nos diz:

A meu ver o professor e a professora que tem a experiência com a arte é alguém aberto para a transformação, para a mudança. E essa mudança do professor, da professora na escola, tem potencial de mudar a escola e o aluno que está na escola que vai multiplicar essa mudança. (p. 17).

Sendo assim, acredito que a pesquisa narrativa em educação tornou-se uma possibilidade importante na minha pesquisa, pois elas “revelam dimensões cognitivas, sensíveis e epistemológicas, transformadoras do cotidiano educacional [...] expõe os modos como cada professor assimila, constrói e movimenta seus saberes, seus valores culturais, suas energias”. (ASSIS, 2015, p. 125). Através das narrativas, busquei compreender como as professoras egressas entendem sua

formação continuada a partir de suas experiências como pessoas e professoras na Educação Básica.

A pesquisa organiza-se em quatro capítulos, e no decorrer da escrita desses, trago para as discussões falas e relatos das professoras egressas em Artes Visuais – UNESCO, que participaram da pesquisa de campo juntamente com autores que dialogam e fundamentam o tema discutido.

Início com este, intitulado: *Como cheguei aqui* que apresenta o meu percurso inicial na arte e na docência, assim como a metodologia da pesquisa. Posteriormente, no capítulo 2, que chamo de: *No meio do caminho, a arte*, trago a perspectiva da arte que acredito e também, momentos do ensino da arte na história da educação brasileira e suas relações com a formação dos professores de Artes. Para estas temáticas, conto com os autores: Archer (2001), Lavelberg (2016), Barbosa (1998), Honorato (2015), dentre outros.

No capítulo seguinte, intitulado: *Um encontro com as práticas pedagógicas* proponho reflexões sobre as práticas pedagógicas dos professores, e utilizo as experiências e opiniões das egressas para evidenciar o assunto, finalizando com uma experiência de meu primeiro estágio obrigatório da graduação. Além de utilizar autores já citados em outros capítulos, fundamento-o com Biasoli (2007) e Lavelberg (2003).

Antes das considerações finais, apresento o quarto capítulo chamado de: *Na rota da formação continuada* que discorre sobre a formação continuada dos professores de Artes, onde reflito junto às egressas, diferentes possibilidades de ampliação de conhecimento na nossa área de atuação. Neste viés, dialogo com autores já apresentados, juntamente com Ferraz e Fusari (2009), Hernández (2005), Loponte (2015), Arslan e Lavelberg (2007).

Assim, procuro refletir nesta pesquisa, por meio de imagens e escritas, o campo da arte, o ensino da arte e a importância da experiência com arte na vida das pessoas, em especial, dos professores desta área de conhecimento.

2 NO MEIO DO CAMINHO, A ARTE

Imagem 1 - Mona Lisa, Leonardo da Vinci (1503-1506)



Fonte: <https://www.leonardodavinci.net/images/gallery/mona-lisa.jpg>

Início meu primeiro capítulo com a imagem da obra Mona Lisa, 1503-1506, do artista renascentista Leonardo da Vinci. Muitas pessoas relacionavam, e, a meu ver até hoje relacionam e exemplificam a arte a partir dessa obra. Talvez por admirarem a arte apenas como objeto de apreciação, de beleza, de técnica, de perfeição e do próprio realismo evidenciado na pintura. Ou até por ser uma das obras de arte mais comentada nos meios de comunicação e apresentada nas escolas.

Refletir a partir dessa obra, me remete à época em que apenas a pintura e a escultura eram consideradas arte de fato. Quem dominava a técnica e chegava o mais próximo do real era considerado artista. Poucos tinham a oportunidade de serem aprendizes dos artistas renomados da Europa, ou de aprimorarem suas técnicas em ateliês e oficinas. Baseado nesse histórico, considero que por muitos anos a arte foi inacessível a muitas pessoas, e com a arte contemporânea, mais precisamente a partir do artista Duchamp, a arte torna-se muito mais que admirável,

ela passa a ter um significado crítico, a ser propositora de ideias e experiências. De acordo com Archer (2001, p. 01):

Quem examinar com atenção as artes dos dias atuais será confrontado com uma desconcertante profusão de estilos, formas, plásticas e programas. De início, parece que quanto mais olhamos, menos certeza podemos ter quanto àquilo, afinal, permita que as obras sejam qualificadas como 'arte', pelo menos de um ponto de vista tradicional. Por outro lado, não parece mais haver nenhum material particular que desfrute do privilégio de ser imediatamente reconhecível como material da arte. A arte recente tem utilizado não somente tinta, metal e pedra, mas também ar, luz, som, palavras, pessoas, comida e muitas outras coisas.

Com a arte contemporânea muitos artistas surgem com o inusitado e produzem seus trabalhos relacionando-os com o cotidiano, visto a todo o momento na atualidade. Nesse aspecto, busco refletir que a arte está diretamente relacionada com a nossa vida, compondo o universo da sociedade como um elemento essencial para o ser humano. Segundo Ferraz e Fusari (2009, p. 18) “É fundamental entender que a arte se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos, ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se conhecerem, e ao conhecê-lo”.

Falo de arte como forma criativa de expressão, produção, experimentação e construção de conhecimento do ser humano. Ao criarmos algo estamos despertando nossa imaginação, possibilitando o processo de invenção e refletindo de modo racional e sensível nosso próprio fazer artístico. Pillotto (2007, p. 116) destaca que “Ao criarmos ativamos corpo e mente como um todo absoluto que pensa e sente e por isso imagina, cria e produz”.

Partindo dessa concepção, a arte que defendo, não é supérflua, perfumaria ou decoração, ela é área do conhecimento humano, “[...] com um domínio, uma linguagem e uma história. É, por isso mesmo, um campo de estudo específico e não apenas uma mera atividade auxiliar ou recreativa”. (BIASOLI, 2007, p. 90). Sobre essa discussão, Pimentel nos diz que a arte, enquanto área do conhecimento:

[...] além de ser um modo de pensar, de chegar a produções inusitadas e estéticas, de propor novas formas de ver o mundo e de apresentá-las com registros diferenciados, é também uma construção humana que envolve relações com os contextos cultural, socioeconômico, histórico e político (2015, p. 272).

A arte possibilita um conhecimento amplo da história cultural da humanidade, e permite identificar e refletir sobre o comportamento, as características, representações simbólicas, crenças e valores de um determinado povo. De acordo com Barbosa (2002), não podemos entender a cultura de um país sem conhecer sua arte, e a arte como aguçadora dos sentidos e propositora, torna visível quem somos, onde estamos e como sentimos.

Assim, arte está mais presente do que nunca no nosso dia-a-dia, e por crer que ela move o mundo, muitas vezes as pessoas não compreendem que experimentam, apreciam e conhecem muitas coisas por meio da arte. Ir ao cinema, à festa cultural da cidade vizinha, assistir uma peça teatral, escutar uma música e emocionar-se ou encantar-se por um graffiti na rua, são modos pelos quais o sujeito está em contato com a arte, pois inúmeras são as possibilidades das linguagens artísticas que nos cercam. Do mesmo modo que a arte encanta, ela também pode escandalizar e chocar, pois está diretamente ligada à vida das pessoas, e tem o propósito de causar estranhamento e questionamentos ao se expor com fatos inusitados na sociedade.

Ao voltar a pensar a partir da imagem da obra de Mona Lisa, acredito que grande parte dos estudantes em algum momento da Educação Básica, a conheceu e reproduziu, dado que por muitos anos o ensino da arte foi visto num panorama limitado, onde o fazer artístico sucedia-se através de cópias de imagens de obras de arte, desenhos prontos ou livres, primordiais na avaliação dos professores. A partir disso questiono se esse panorama nas aulas de Artes se expandiu? Se a experiência com a arte acontece em sala de aula? E se os professores estão abertos a ressignificar o ensino da arte na escola?

A partir disso, apresento momentos importantes da história do ensino da arte que têm movido práticas e reflexões de muitos professores de Artes objetivando abrir espaços para o pensamento sobre a formação inicial e continuada destes professores.

Na década de 80, Ana Mae Barbosa desenvolveu e apresentou aos professores de Artes um novo método para ensinar arte na escola, incentivando e qualificando a área na época. Sua proposta metodológica integrava o fazer artístico, a análise das obras e objetos de arte, e a história da arte, ou seja, unia a contextualização da história da arte, a leitura e reflexão de imagens e a experimentação do fazer artístico, havendo maior interação da arte com os alunos.

Essa metodologia denominou-se de Metodologia Triangular, atualmente mais conhecida como Proposta Triangular ou Abordagem Triangular.

A Proposta Triangular é construtivista, interacionista, dialogal, multiculturalista e é pós-moderna por tudo isso e por articular arte como expressão e como cultura na sala de aula, sendo esta articulação o denominador comum de todas as propostas pós-modernas do Ensino da Arte que circulam internacionalmente na contemporaneidade. (BARBOSA, 1998, p. 41).

Ainda de acordo com Barbosa (1998, p. 38), “qualquer conteúdo, de qualquer natureza visual e estética, pode ser explorado, interpretado e operacionalizado através da Proposta Triangular”. Sendo assim, a nova proposta, chamou atenção de diversos professores de Artes, que a adotaram como metodologia em sala de aula. Posteriormente, em encontros nacionais e regionais de Arte Educação, o sucesso das experiências com a Proposta Triangular era apresentado, o que mudou e reestruturou a visão do ensino da Arte diante o Ministério de Educação e Cultura do Governo Federal. (HONORATO, 2015).

Em 1996, a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9394/96⁶ altera a nomenclatura de Educação Artística para Ensino da Arte, e o constitui como “componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. (BRASIL, 1996, Art. 26, § 2º). A partir da Lei promulgada, os estados e os cursos superiores tiveram que adequar-se a lei federal, revendo suas propostas de ensino.

Em 1997, apresenta-se os Parâmetros Curriculares Nacionais⁷, que reconhece a arte e as demais disciplinas como áreas de conhecimento a serem estudadas e trabalhadas na escola, e organiza os níveis de ensino (Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio). Em 1998, a Proposta Curricular de Santa Catarina⁸ surge com mudanças, onde apresenta conteúdos e modelos de atividades para cada linguagem artística, separadas por nível de ensino. Por fim, tanto a PCSC, quanto o PCN, ao discutirem o ensino da arte, trazem como embasamento a metodologia ou proposta de Ana Mae Barbosa.

A partir dos documentos, parâmetros e métodos que foram apresentados,

⁶ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm Acesso em: 01/10/17 às 13h44.

⁷ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf> Acesso em: 02/10/17 às 14h25.

⁸ Disponível em: http://www.propostacurricular.sed.sc.gov.br/pdfs/PC_Temas_Multidisciplinares.pdf Acesso em: 02/10/17 às 14h20.

e até hoje são discutidos, percebo que a mudança no ensino da arte se fez necessária, e trouxe um retorno positivo para a disciplina, na perspectiva de professores, alunos, acadêmicos e comunidade.

O ensino da arte na contemporaneidade é caracterizado por fazer parte da formação integral dos sujeitos e está diretamente relacionado com a vida social e pessoal dos alunos em diversos aspectos. Ele propicia experimentações e ressignificações por meio das linguagens artísticas, e é indispensável no desenvolvimento da capacidade crítica, autoral e criativa, permitindo mudanças de interpretações de mundo e de si mesmo.

Em 2016, a LDB 9394/96 no seu artigo 26 § 6, torna as artes visuais, a dança, a música e o teatro como linguagens que constituem o ensino da arte. Todas devem ser estudadas e trabalhadas nas aulas, sendo papel do professor de Artes apresentar no seu planejamento atividades que as contemplem como conteúdo e não apenas ferramenta das ações propostas. No presente, é fundamental expandir os conteúdos de arte para além do desenho e da pintura, que frequentemente são produzidos nas folhas A4 do caderno de Artes, solicitado até hoje na lista de materiais das escolas. Muitas vezes os professores se prendem a atividades que somente o caderno suporta, e não possibilitam a experimentação e o conhecimento de outros conteúdos e linguagens da disciplina de Artes, elementar para a formação dos alunos.

A autora Luciana Loponte traz algumas questões sobre o ensino da arte e a experiência da docência para refletirmos nos dias atuais.

Talvez as questões que precisam nos acompanhar nas preocupações sobre formação docente (incluindo a nossa própria) são: de que modo vivemos a experiência da docência? Somos capazes de produzir experiência (no sentido da “experiência” de que nos fala Larrosa e Agamben) a partir de nossas aulas? Somos capazes de viver esteticamente à docência? Ou, ainda, à docência pode ser uma obra de arte? Como professores e professoras, somos capazes de dançar? Quais os modos e formas de uma “arte da docência em arte”? (LOPONTE, 2015, p. 228).

Ao pensar nessas questões, percebo as experiências que tive e venho adquirindo na formação inicial. Na proximidade com diferentes professores supervisores do PIBID e dos estágios obrigatórios da graduação pude perceber seus desafios em sala de aula, suas buscas incessantes por novas propostas que ressignifiquem o ensino da arte com atividades fantásticas e a criação de métodos

que despertam o interesse do aluno para a nossa área de conhecimento. Essas experiências aconteceram e acontecem constantemente e me fazem acreditar na constante reinvenção do ensino da arte na contemporaneidade e nas possibilidades de uma docência artista.

Esse percurso do ensino da arte esteve presente na conversa com as professoras egressas do curso de Artes Visuais da UNESC, onde percorremos e discutimos diversos caminhos da arte e do ensino da arte. Uma reflexão nos levava a outras várias reflexões, o que tornou a nossa conversa muito mais significativa e marcante. Trago a fala da egressa Juliana, que atualmente cursa Mestrado em Educação e trabalha 20h semanais em escolas do município de Criciúma, ela trouxe um olhar crítico para o ensino da arte e para o método do professor de Artes:

O ensino da arte passou por várias transformações, dentro dessas transformações surgiu a Ana Mae Barbosa com a Proposta Triangular, que com a sua abordagem inicia uma metodologia para o ensino da arte, então foi um ponta pé inicial para a disciplina, valorizou como tem uma metodologia, tem uma forma de como ensinar [...] Acredito que depois da Ana Mae Barbosa, com a Proposta Triangular, ficou só este método, ai parece que marcou, Abaporu marcou bem [...] releitura ficou muito marcada em algumas obras do Romero Britto [...] e depois ficou esta visão, deu aquele vácuo... Agora continuando a formação, percebo que há várias possibilidades, como diz a professora Aurélia em sua dissertação, a formação é um espaço do possível, tudo é possível. Ana Mae disse que tinha um método, que tinha que começar assim, ser assim, ser assim... Mas não, eu posso fazer da forma que eu quiser, não preciso mostrar imagem, imagem pode aparecer no final, ou no começo, posso fazer as crianças produzirem as imagens delas nas atividades, então eu acho que um método ele também engessa, na leitura da dissertação da Aurélia percebi, que o método ele também te coloca mais um modelo, e quando novamente se reproduz a cópia modelo, podemos criar o nosso próprio modelo, a nossa própria forma, enquanto autor de sua prática com autonomia.

Essa discussão aparece também na fala da egressa Marina, especialista em Fundamentos Estéticos e Metodológicos do Ensino da Arte e participante de grupos de orientação que unem pesquisa, discussão e reflexão acerca da produção

pessoal como artista. Além disso, é efetiva 40h semanais em escolas no município de Nova Veneza:

Me lembro que uma vez tinha a tal da releitura, e aquilo era o máximo, e hoje, parece ser uma coisa tão descontextualizada. A prática do ensino da arte está sempre indo por caminhos novos e a gente tem que estar sempre buscando...

Na fala das professoras egressas, pode-se perceber a preocupação com o método que elas utilizam em sala de aula, e a necessidade de ser um professor autor da sua prática, que busca o seu próprio modo de dar aula.

Imagem 2 - Dialogue from DNA, Chiharu Shiota (2004)



Fonte: <http://www.chiharu-shiota.com/en/works/?y=2004>

Entro na discussão sobre profissão professor apresentando a imagem da instalação “Dialogue from DNA” produzida por Chiharu Shiota⁹, uma artista contemporânea japonesa, reconhecida por criar imensas teias com fios, e a utilizar objetos do cotidiano em suas produções, como sapatos, chaves, malas, camas, cadeiras.

⁹ Mais informações sobre a artista em: <http://chiharu-shiota.com/en/> Acesso em: 20/10/17 às 16h50.

Ao ver essa instalação, a lembrança que tive foi a primeira vez que entrei em sala de aula como estagiária de Artes. Era meu primeiro estágio da graduação, com a turma de 17 alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental I. Esse não era meu primeiro contato com alunos em sala de aula, pois o PIBID havia me proporcionado essa experiência antes mesmo dos estágios obrigatórios. No primeiro dia de atuação, onde eu estive à frente de todas aquelas crianças, me apresentei como professora de Artes. No início, tudo muito misterioso, eles estavam quietos, curiosos pela minha presença em sala. Lembro-me de conversar sobre o município de Nova Veneza/SC, tema do meu projeto, depois solicitar desenhos de algum lugar marcante da nossa cidade, e por fim realizar um jogo da memória dos pontos turísticos. Durante as conversas e atividades propostas, eles iam se soltando, e aos poucos começavam a me chamar de professora... Eu já havia escutado professora diversas vezes nas minhas transições de turmas do PIBID, mas eu não me sentia professora de fato daqueles alunos. Escutar aquela palavra, repetida inúmeras vezes na atuação do estágio ao mediar uma turma, trouxe um novo significado para minha formação. Foi o primeiro momento em que eu realmente me sentia e me via professora de Artes.

Quando vejo todos esses sapatos ligados a um único ponto, relaciono-os com vários alunos, de diversas culturas e identidades, que seguiram diferentes caminhos, mas que durante sua trajetória de vida conheceram e tiveram experiências em sala de aula com professores de Artes. Assim percebo a potência da profissão e as inúmeras possibilidades que temos de proporcionar aulas que sejam desafios, que promovam relações horizontais, com troca de conhecimentos e saberes que transformam pela experiência. Lavelberg (2016, p. 116) nos diz que:

O papel do professor de arte é fundamental, é ele quem faz a orquestração das sequências de atividades, dá atenção à voz, ao texto e às proposições poéticas e reflexivas de cada aluno e promove a interação entre os alunos em relação aos seus processos e produtos.

A ação docente, extremamente complexa e decisiva para um aprendizado potente, precisa estar em constante atualização, contemplando as exigências da sociedade atual. Trabalhar arte na escola não é uma missão fácil, por ser uma disciplina que provoca os alunos a se perceberem, e educa o olhar sensível e estético em relação ao mundo. Grande parte da disciplina depende de um professor

formado, apto e qualificado, que estimule a turma e saiba nortear os conteúdos e atividades a serem desenvolvidos. Conforme Martins & Picosque (2012, p. 115), o professor de Artes é aquele que:

[...] mantém viva a curiosidade, que gosta de estudar, investigar imagens para sua prática em sala de aula e levar seus alunos ao encontro com a linguagem da arte sem forçar uma construção de sentido “correto” ou único, veste sandálias de professor – pesquisador, envolvendo com a mais fina atenção sua pele pedagógica, dando sustentação para pisar em terras ainda desconhecidas.

Na conversa com as egressas do curso, teve um momento em que a discussão aconteceu a partir de uma dinâmica com envelopes. Havia três, onde cada egressa escolheu um e dentro deles incluía uma imagem e duas palavras. Uma dessas imagens era a instalação mencionada acima da artista Chiharu Shiota, sorteada à professora egressa Marina, juntamente com as palavras *curso de Artes Visuais* e *escola*. Durante nosso diálogo pedi que ela falasse sobre a que a imagem e as palavras remetiam, e ela disse:

O que me remete, eu acho que é ideia do caminho, dos sapatos, tem muito a ver quando a gente entra no curso de Artes visuais e daí, tá assim pensando no que vai fazer, pra onde vai andar [...] E são muitos variados, então acho que, é muitas opções que se tem, mudanças de ideias que vai se tendo, tem até pantufas... E a escola tem sempre um caminho [...] Mudanças de planos ou adaptar-se se não está de acordo com o que eu penso, eu vou para outro lado, mudo minha rota. E aqui parece que eles estão todos ligados no centro né, que tudo está interligado, que a pessoa está no centro, e ela vai optando por onde ir, por onde caminhar, o que fazer...

Com base na fala da Marina, a reflexão que a imagem trouxe, é do professor que trilha seu próprio caminho, muda se não está de acordo, produz novas ideias, percorre outras rotas. Martins & Picosque (2012, p. 115) dizem que o professor de Artes “veste as sandálias de professor”. Ele não deve ter medo de transitar pelo inusitado, desconhecido e de explorar o novo. O professor de Artes deve viver a profissão no seu percurso de formação inicial e continuada, se permitir experimentar, dançar, cantar, pintar, se encantar pela arte e suas diferentes

linguagens, para que assim, na escola, possa transpassar a potência e a relevância da disciplina na vida dos alunos.

O lugar do professor de Artes na escola a cada dia vem se tornando mais visível e necessário no currículo escolar. Antes, ter uma sala de artes ou um ateliê no espaço escolar, era raríssimo. Com a luta de muitos professores, parte das escolas disponibilizou uma sala para a criação do ateliê, porém ainda existem àquelas que não. As salas de artes foram mencionadas pelas professoras egressas Juliana e Daniela. Trago abaixo parte do diálogo com elas:

Uma recordação que trago comigo que me marcou na disciplina de artes no meu tempo de educação básica, é que a nossa professora fazia de tudo para ter uma sala só para artes, até que um dia ela conseguiu, improvisou uma mesa central unindo as carteiras, e uma pia adaptada. Se naquele tempo já era uma necessidade para as professoras de Arte, imagina hoje? (Daniela)

Mas é essencial... Como faz falta [...] Esse contato com os materiais, com os colegas, o ambiente, toda essa mudança de lugar, como interfere na nossa aprendizagem... é uma aula totalmente diferente, o ambiente proporciona outro olhar, e eu noto nos locais em que eu atuo [...] eu levo meus alunos.. o deslocamento para sala de artes é um acontecimento "hoje nós vamos para sala de artes, uuuuhul" . (Juliana)

É um momento que eles saem da rotina, realizam as atividades em grupos muitas vezes com música. [...] Artes já é bom, imagina com uma sala especial, é encantador. (Daniela)

Os alunos percebem e gostam da mudança de ambiente, ir à sala de Artes já é um grande diferencial da disciplina, pois o objetivo desse lugar, apesar de quadrado, é desenquadrar os modelos tradicionais de salas de aula, proporcionando espaço para a expressão, a criação em grupos e o contato com materiais diferenciados, que muitas vezes tornam-se inviáveis de serem trabalhados em salas de aula comuns. O relato das professoras egressas aponta a necessidade da voz do professor de Artes na escola, da sua participação nos movimentos promovidos pela escola, da sua opinião, de exercer seu direito de solicitar uma sala diferenciada e

materiais novos, para que assim a disciplina se apresente potente para os alunos, para a escola e para a comunidade.

No capítulo seguinte reflito sobre a importância das práticas pedagógicas dos professores de Artes e as suas possibilidades.

3 UM ENCONTRO COM AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

A prática pedagógica a meu ver é algo singular e pessoal de cada professor, pois é construída ao longo do tempo, com novas experiências adquiridas, e constantemente está em mudança, reflexão e atualização por conta das necessidades de se pensar uma educação contemporânea. É a partir dela que se formam cidadãos reflexivos e críticos, que o favoreça em relação ao mundo. Durante a graduação, estudamos para ter noção de como procederá nossa prática pedagógica enquanto docentes de Artes, mas essa noção só se viabiliza nos estágios obrigatórios, onde entendemos o significado e a importância dessa lógica.

Durante os anos de graduação temos disciplinas de metodologias e ateliês, que nos proporcionam experimentar materiais, aprender técnicas, conhecer atividades, textos e métodos que poderão ser levados para sala de aula e apresentados aos alunos. Propositalmente, nos instigam a pensar nossa futura prática pedagógica como algo que deve ser prazeroso tanto para o professor, quanto para o aluno, e digo prazeroso no sentido de portar conhecimento e ao mesmo tempo, fomentar a vontade de participar e produzir nas propostas.

Por muito tempo a prática pedagógica foi interpretada como algo limitado, copiado, reproduzido a partir de modelos prontos. Os professores ensinavam da maneira que foram ensinados, e conseqüentemente a visão que se tinha dessas aulas, eram de aulas estagnadas. Com o passar dos anos, a prática pedagógica passa a ser refletida por muitos professores, onde eles percebem a necessidade de contextualizá-la e relacioná-la com o próprio aluno, sucedendo a reciprocidade entre as partes, e a indissociabilidade entre a teoria e prática na sala de aula.

A professora Juliana, relembra as aulas de Artes como aluna da Educação Básica, trazendo momentos marcantes sobre sua professora e a prática pedagógica desenvolvida por ela:

Depois de formada eu faço uma análise que cada professor tem a marca do seu tempo, então aquela aula de artes, ela é marcada por aquele tempo, por aquele contexto, então, a professora ela fazia muito tampa de pote de biscoito, apresentações nas escolas, lembro que eu tinha um macacão azul com bola vermelha e na hora da dança todos saíam de dentro do jornal, fazíamos desenhos

copiados [...] Então ela reproduziu um ensino da época dela, então depois, desde a minha vida escolar, eu tive essa ideia de disciplina de Artes.

Quando a mesma optou em fazer o curso de Artes Visuais na UNESC, ela pensou:

"Vou fazer Artes, mas não sei desenhar, mas vou fazer artes", ainda estava com aquele pensamento... o que eu vou fazer na sala quando eu me tornar professora de artes, e assim, pensei que as aulas de desenho seriam um terror, porque eu não sei desenhar, como vou ensinar para os alunos, mas eu vou fazer este curso.

A professora egressa Juliana trouxe uma reflexão do tempo em que a disciplina de Artes era vista apenas como desenho, e que esse conceito se fez presente até o momento da escolha da sua graduação. Hoje, quando alguém me pergunta o curso que faço, ao responder Artes Visuais, logo me perguntam se eu só desenho. Essa relação da arte com o desenho sucede com base nas aulas de Artes que as pessoas tiveram na educação básica, logo, na prática dos professores de Artes.

O professor de Artes contemporâneo deve propor aos alunos práticas reflexivas entre o saber e o fazer artístico. Ele pode trazer atividades que tenham relação com os contextos presentes e que os alunos consigam perceber essa relação com eles mesmos. Lavelberg destaca que:

Trazer conteúdos de arte do ambiente de origem e do cotidiano dos estudantes para a sala de aula é uma boa e motivadora escolha curricular. Essa prática valoriza o universo cultural do grupo, dos subgrupos e dos indivíduos, incentiva a preservação das culturas e cria em cada um o sentimento de orgulho da própria cultura de origem e de respeito à dos outros, o que constitui condição fundamental para a construção de uma relação não preconceituosa com a diversidade das culturas. Porém, estudar tais conteúdos não deve excluir outros recortes ricos e estimulantes da aprendizagem. (2003, p. 12).

Ainda de acordo com Lavelberg (2003, p. 12), "Ensina-se a gostar de aprender arte com a própria arte". É a partir dos conteúdos que a arte abrange e da sua própria experiência com arte, que o professor poderá criar suas práticas pedagógicas, ser autoral do seu trabalho e da sua pesquisa. É necessário também que o professor compreenda que a teoria não está desvinculada da prática e que

uma complementa a outra. Biasoli (2007, p. 110) nos diz que “a prática é a fonte da teoria, da qual se nutre com o objetivo do conhecimento, da interpretação e da transformação”. Logo a prática é repleta de conhecimento, e talvez iniciar uma aula de Artes pelo fazer artístico, possa trazer resultados surpreendentes para os envolvidos.

[...] o ensino dessa área de conhecimento será efetivado pela figura do professor de arte, que objetivará seu ensino no momento da sua prática pedagógica, sendo esta extremamente reveladora. Reveladora do conhecimento que ele tem dos conteúdos de ensino e do modo como esses conteúdos se transformam em ensino. (BIASOLI, 2007, p. 117).

É importante que os professores de Artes reflitam criticamente sobre suas práticas pedagógicas, e percebam se cumprem com seus objetivos diários. Por vezes é essencial revê-las ou alterá-las, e é a partir dela, da ação do professor, que as relações entre os sujeitos se estabelecem e ensina-se arte na escola. Honorato (2015, p. 47), complementa meu pensamento, ao destacar que “[...] ensinamos arte nas escolas não necessariamente para formar artistas, mas para aproximar a sociedade da arte, da arte contemporânea em especial, formar um público sensível e apreciador da arte de nossos dias”.

Logo abaixo, trago uma fala sobre a busca de conhecimento da professora egressa Daniela, que também foi uma das participantes da conversa com as egressas em Artes Visuais. É pós-graduada em Interdisciplinaridade com ênfase para o Ensino de Arte e atualmente cursa Especialização em Poéticas Visuais. Ela atua 32h semanais em escolas estaduais e 20h semanais em escolas municipais, ambas no município de Criciúma.

O conhecimento tem que estar sempre buscando, cada vez mais, uma que é pelo teu bem estar, porque senão a tua aula cai num marasmo, numa coisa chata, que tu mesmo acaba não suportando mais, e como é que teu aluno vai suportar isso? [...] se a gente não se formar, não viver buscando novos conhecimentos, a gente vai ficar sempre trabalhando a linha, o ponto, as cores primárias e as cores secundárias.

É perceptível na fala da egressa que ela se preocupa com a sua prática pedagógica e compreende a importância de estar sempre buscando conhecimentos para realização de suas atividades. Se, como professores de Artes, não buscarmos

conhecimento, aprimoramento profissional e não valorizarmos nossa área de atuação como apresentaremos aos nossos alunos a potência do ensino da arte na escola?

Penso que no início da experiência profissional como docente em Artes Visuais, muitos professores, assim como eu, têm insegurança de entrar na sala de aula e encarar turmas com número alto de alunos. É tudo novo, há uma rotina na escola, são novos colegas, novos documentos e muitas informações que ainda são desconhecidas. Conversando sobre esse assunto com a egressa Juliana, a mesma diz:

Quando o professor começa a atuar é com receita [...] há uma necessidade da receita pela insegurança não sabemos o que vamos encontrar, então fica tudo anotado no caderno [...] tua amiga diz tudo e como tu tem que trabalhar, chega lá na hora não acontece nada daquilo que ela disse, por quê? Pela falta de capacidade de criação de uma aula com autoria e autonomia, este professor ainda não é autor do seu trabalho, porque quando se tem segurança, e se sabe o que está fazendo, a criação acontece naturalmente. [...] Então é muita informação no começo [...] acontece muitas informações ao mesmo tempo é necessário administrar tudo, por isso a necessidade de uma receita para dar segurança. [...] Parece que nos enrolamos no início, não temos segurança na elaboração das ferramentas de trabalho.

Muitos professores iniciam com receitas prontas e com o passar dos anos, por acharem que são experientes em sala de aula, trabalham os mesmos conteúdos, e não pretendem inová-los. E também, existem professores que sim, iniciam com receitas prontas, mas no decorrer das suas práticas percebem que elas não se encaixam com as turmas, sendo preciso mudá-las ou até mesmo descartá-las. Assim inicia-se o processo de criação de novas experiências e atividades que tenham conexão com as necessidades da turma a ser trabalhada, pois entendem que cada uma tem suas peculiaridades. Loponte afirma que:

[...] Não há receitas para ser um “bom professor” ou uma “boa professora”, há inúmeras possibilidades de ser docente. Uma docência que se faz “artista” pode ser aquela que assume o seu trabalho como um processo de ir e vir, de rascunhar, rabiscar, voltar e desenhar-se. Um trabalho sobre si mesmo não se faz sozinho. [...] A formação docente é uma ação

compartilhada com pares, grupos diversos (dentro ou fora da escola). (2015, p. 219).

Entendendo a prática pedagógica como o dia a dia do professor, a preparação e a realização de suas atividades tanto dentro quanto fora da sala de aula, o processo de ir e vir no fazer pedagógico torna-se um importante aliado no trabalho docente. Conversar e relatar experiências para outras pessoas trará novas ideias sobre o modo a ser ensinado, podendo melhorar a prática e desempenhar atividades de outras maneiras com a classe. Ao mesmo tempo em que o professor tem muito a ensinar, ele também tem muito a aprender com os alunos, e a prática pedagógica se constrói a partir dessas relações, unidas com o conhecimento. De acordo com a egressa Juliana:

O professor tem que narrar o que ele faz, porque descobrimos no polo Arte na Escola junto com os outros professores, foi até citado por uma professora esse termo "Que o professor sozinho na escola, acaba na solidão pedagógica", e que os encontros na universidade, junto com os colegas narramos as nossas experiências e percebemos a potência do ensino da arte, por meio de leituras acontece a ampliação do repertório [...] tu pode tudo, aqui tu pode tudo, e lá na escola parece que tem muitos limites, e aqui eu converso contigo "ah que que tu fez isso" "ah eu fiz a tinta aqui no saquinho oh" e amanhã eu já faço também, eu já faço outra coisa é uma mudança no olhar.

Esses encontros ou conversas com outros profissionais da área, ampliam o conhecimento do professor e instigam a ele pesquisar novos caminhos para ensinar arte. Lavelberg (2003, p. 12) diz que "é necessário que o professor seja um "estudante" fascinado por arte, pois só assim terá entusiasmo para ensinar e transmitir a seus alunos a vontade de aprender". Quanto mais buscar métodos e práticas para ensinar, maior será a realização profissional do professor de Artes em atuação.

No meu primeiro estágio da graduação, relatado no capítulo anterior da experiência com o primeiro ano do Ensino Fundamental I, tive como supervisora a professora egressa Marina, participante da minha pesquisa de TCC. Conversando com ela sobre a minha experiência em sala de aula com a segunda turma, essa do

pré-escolar, ela comenta sobre a minha prática pedagógica, me deixando imensamente feliz e realizada:

O estágio que você fez lá comigo, a tua prática em sala de aula, me fez pensar na maneira que eu estou atuando... Até eu sempre te dizia que aprendi muito contigo. É o fato de tu ver outra pessoa trabalhando na mesma área que a tua, só que ela vem fresquinha da formação dela, coisa que pra mim já passou 17 anos... (risos) [...] é alguém que tá chegando agora, como é que está fazendo? Foi muito bacana, aquela prática tua, ela despertou muitas coisas, até na maneira de tu falar sobre os artistas, aquela aula lá sobre as texturas [...] a maneira que tu expôs o conteúdo, eu peguei pra mim muita coisa... tudo é válido!

No início, eu tinha preocupação em atuar com a turma do pré-escolar, desde a minha observação, percebia-os muito agitados e muito falantes! Passei a entendê-los, quando passei a compreender a criança. Antes disso, eu tinha receio de que eles não me respeitassem ou que simplesmente recusassem fazer as atividades. A aula era após o recreio e também o parque. No primeiro dia, eu cheguei empolgada com uma cantiga de roda, ao chamá-los para dançar, nem todos se levantaram. Ali mesmo, eu desanimei, pensei que desandariam todas as próximas aulas que eu havia preparado. Mas não iria desistir. Entrando no nosso conteúdo, que eram texturas, iniciei com a caixa da imaginação, onde cada aluno ia até ela e descobria o que havia dentro, assim, eu explicava junto a eles, as características das texturas do nosso dia a dia. Nessa atividade, alguns assimilaram bem as texturas, outros, depois que participaram da atividade, se dispersaram. Na outra aula, apresentei o artista Max Ernst, onde levei objetos para que eles transferissem a textura no papel com a técnica *frottage* do artista, e dessa vez, eles ficaram encantados. Depois, iniciamos a produção do nosso tapete das sensações, com toda expectativa já criada. Separei a sala em grupos de quatro crianças, cada grupo recebia um material diferente (tecido, macarrão, EVA, crepom, milho, isopor...) e também cada integrante recebia um papel cartão A4, e com cola, eles faziam sua produção. Curiosamente, alguns queriam misturar materiais de outros grupos, comer o macarrão cru, e teve uma aluna que derrubou todo milho de cima da mesa... Nesses casos a professora sempre me auxiliava e eu percebia como poderia proceder. No final, mais calma, levei todos embora, coleí as produções em EVA

grandes com cores diferenciadas, juntei um ao outro, onde se criou um tapete enorme. No dia de abri-lo em sala de aula, os alunos ficaram fascinados pelo tamanho, e procuravam suas produções em cima do tapete. Lembro que brincamos de descobrir texturas com olhos vendados... Foi bem marcante. Aprendi muito com a turma e também com a professora, que me auxiliou a repensar algumas atividades por conhecer aquele pré-escolar, e eu, a perceber a necessidade de repensar minha prática pedagógica no momento da atuação. No final do meu estágio com as duas turmas (pré-escolar e primeiro ano), aconteceu uma linda surpresa. Ao sair da sala de aula, os alunos começaram a cantar para mim, me agradeceram por ser professora por alguns dias, me abraçaram calorosamente e me deram uma caixa com um livro dentro chamado: Memórias de um estágio, com desenhos e escritas de cada aluno, o que me emocionou muito ao chegar em casa. Tudo preparado com muito amor... É emocionante relembrar experiências ricas assim.

Ao recordar esse momento, penso o quanto as experiências são importantes no processo de se tornar professor de Artes. A partir dessa experiência em especial, pude refletir sobre o que é ser criança, a importância de ouvi-los e entendê-los. Percebi que eles são conversadores e gostam de se locomover, simplesmente porque são crianças, e que criança gosta de ficar sentada uma manhã inteira sem poder tagarelar um pouco em sala de aula? Ou voltar para a sala de aula depois de brincadeiras intensas no parque, sem contar o que aconteceu?

Estagiar com crianças e pensar métodos que despertassem o interesse delas para as aulas, foi um desafio. Presumo que criar ações que instiguem os alunos a participarem das aulas, seja o desafio de muitos professores de Artes, esses que constantemente pesquisam, estudam e buscam novas ideias para renovar e reinventar sua prática pedagógica. Recontar esta história e rememorar esta experiência me move a pensar a partir de Biasoli (2007, p. 204), ao dizer que “[...] o professor é o agente de seu próprio desenvolvimento, deve desempenhar um papel ativo na formulação tanto dos propósitos e objetivos de seu ensino como dos meios para atingi-los”.

A reflexão sobre a prática pedagógica do professor deve acontecer constantemente, e faz parte do seu ciclo na busca por novos recursos, procedimentos e saberes do trabalho docente. O professor que percebe suas falhas e procura compreender como e onde melhorar, é um profissional que preza pela

aprendizagem e continua progredindo. Neste viés, no próximo capítulo trago a importância da formação continuada do professor de Artes.

4 NA ROTA DA FORMAÇÃO CONTINUADA

Durante a graduação em Artes Visuais sempre tive muitas dúvidas e inquietações sobre a formação de professores de Artes. Ao começar de fato ver a atuação de alguns professores na Educação Básica, o que mais me chamou atenção foi ouvir reclamações de alunos sobre aulas maçantes e conteúdos repetitivos, que me provocam a pensar se havia um culpado dessas aulas estarem estagnadas, sem motivação. Questionava a mim mesma: será que o professor não participa de cursos de atualização docente? Porque não inova em sua prática pedagógica? Será que deixou de investir na sua carreira e em sua formação continuada?

Refletindo sobre o professor de Artes, e entendendo que a aula é uma troca de conhecimento e precisa da participação e do interesse ativo de alunos e professores, passo a pensar que não existem culpados, e sim meios de tornar essas aulas qualitativas e significativas para ambos. Acredito que sim, o professor de Artes tem um papel fundamental nessa melhoria e “[...] precisa saber arte, ou seja, pesquisar, conhecer e aperfeiçoar-se continuamente no campo artístico e estético”. (FERRAZ E FUSARI, 2009, p. 27).

A formação do professor de Artes inicia-se na graduação que atualmente tem durabilidade de no mínimo quatro anos. Nesse percurso, há vários projetos disponibilizados na própria Universidade que ampliam a formação inicial do estudante de Artes Visuais. Eu, como já dito antes, participo do PIBID e do PROESDE, que me oportunizam a ida para escola e a construção de saberes e experiências compartilhadas coletivamente, antes mesmo de ser licenciada na área.

Remetendo-me a este assunto, ao solicitar experiências narradas para as professoras egressas, a Juliana me enviou a sua por e-mail e relatou sua passagem como bolsista do PIBID e agora professora supervisora no programa:

Sem dúvidas que a passagem pelo Pibid como bolsista e também como professora supervisora são experiências transformadoras, a conexão entre universidade e escola propõe pensar no conhecimento como teoria e a prática e que estes não estão desvinculados, desta forma estar formado não significa estar pronto e acabado é nas ações como: Pesquisa, na relação com outros professores, nas reflexões sobre as próprias práticas, nas narrativas e nos registros é que a docência vai se

constituindo.

Ao mesmo tempo em que se conclui o curso de graduação, inicia-se uma busca contínua na formação e identidade docente, visto que é permanente e nunca está concluída. Para Hernández “[...] a construção da identidade profissional docente não é algo estático, mas vai se definindo num processo de mudança, mediante uma aprendizagem incerta que se desenvolve ao longo de vários anos”. (2005, p. 30). A transformação e a construção da docência em arte estão diretamente relacionadas a vida do professor, tanto em sala de aula, como em pesquisas pessoais, espaços de ampliação de repertório, escritas e conversas.

Na escola raramente haverá cobranças de projetos, planos de aula, ou elogios do corpo diretivo sobre a ação docente. A qualidade da profissão professor depende do próprio professor, da sua auto motivação, da construção de práticas pedagógicas significativas, juntamente com a busca incessante por conhecimento e ideias promissoras. Ferraz e Fusari (2009, p. 141) nos dizem que:

No ensino da arte, as ações dos professores mostram, conseqüentemente, os compromissos, perspectivas e valores assumidos por eles em seu trabalho escolar. Mostram ainda, a competência e o conhecimento atualizado na área, por suas pesquisas e compromissos com seu desenvolvimento pessoal e profissional.

A formação continuada é uma necessidade existente na profissão professor. É constatada na LDB n°. 9.394, no Art. 62, § I, onde diz que “A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério”. No seu Art. 63, que os institutos superiores manterão “[...] III - programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis”. E por fim no Art. 67, que os sistemas de ensino valorizarão o profissional da educação, promovendo “[...] II - aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim”. Estar na lei, significa que a formação continuada é uma realidade, e a cada dia vem tornando-se mais indispensável no desenvolvimento dos profissionais que atuam na educação escolar.

Procurando refletir como as experiências da formação inicial e da formação continuada refletem no trabalho em sala de aula do professor de Artes, perguntei às egressas se elas utilizam materiais, textos e atividades da graduação,

ou de algum momento de formação continuada, na sua prática pedagógica hoje. As respostas foram imediatas:

Olha, eu basicamente muita coisa utilizei, desde poemas sujos da aula do Marcelo com os alunos, que aprendi nas aulas de teatro. (Juliana)

Performance, o filme A pele que eu habito... Ai que filme ótimo. Se quer entender o corpo como objeto artístico tem que assistir. (Daniela)

A pele que habito... é transformador esse filme. Tenho essa memória muito forte, se for para trabalhar o corpo já sei onde pesquisar. O uso do elástico [...] da laranja que ele colocava várias músicas e tínhamos que dançar em dupla. (Juliana)

Os portfólios feitos em algumas disciplinas [...] hoje eu vou procurar conteúdo ou sugestões, e me deparo com anotações feitas que me ajudam muito. (Daniela)

A apostila da Marlene como uma relíquia, que é a pesquisa dos pigmentos naturais. E também as aulas da Angélica, também até hoje eu recorro a ela... Estão sempre fazendo coisas diferentes no ateliê. (Juliana)

Fizemos isogravura, xilogravura, todas as possibilidades... (Daniela)

Eu fiz serigrafia com os alunos também, levei a prancha... A experimentação, às vezes levava a xilogravura, pedia o material emprestado aquele o "baren". (Juliana)

E por fim, a resposta da Marina:

Eu uso bastante a parte das aulas que eram de ateliê, tipo a aula de xilogravura eu usei agora com o sétimo ano as imagens. [...] isso serviu para mim até hoje, aquelas matrizes de madeira, todos os materiais, a pesquisa eu uso sempre... Aqueles trabalhos com nanquim, de desenho, aquelas pastas da Marlene, todas de pintura, das técnicas, uma só para pastel, uma só para aquarela [...] eu uso quando tem que mostrar os materiais, as técnicas. Textos eu usei da história da arte que eram uns textos bem resumidos, bacanas. [...] tinha um filme da pós-graduação "Modigliani paixão pela vida", que foi bem interessante, aquele filme dá pra usar na sala de aula com alunos de sexto ao nono.

Percebe-se nas falas, que todas utilizam principalmente materiais da graduação em Artes Visuais nas práticas da Educação Básica. A Marina, por exemplo, é egressa há 17 anos e com muito zelo, guarda e utiliza seus trabalhos para exemplificar técnicas e materiais para os alunos em sala de aula. A Daniela, ao me enviar experiências narradas por e-mail, expôs uma experiência com pigmentos naturais aprendida na aula de pintura da graduação, que foi ampliada e pesquisada para ser aplicada na escola em que ela lecionava:

Assim que comecei a lecionar encarei o desafio de trabalhar no interior de Nova Veneza na última cidade do município. [...] me deparo com uma pequena comunidade, tranquila que de início parecia sem história. Encarando os desafios da profissão elaborei um projeto com objetivo de pesquisar a comunidade antes e depois, resgatando sua história. Primeiramente fizemos uma pesquisa de campo entrevistando alguns moradores mais antigos da comunidade relatando como era e o que tinha na comunidade que hoje não tem mais. Depois buscamos por registros fotográficos antigos da primeira igreja, escola, comércio e construções que ainda se mantinham intactas. Concluída a pesquisa fomos pesquisar pigmentos naturais de São Francisco (terra). Propus aos alunos para que trouxessem de casa um pouco de terra que seria transformada em tinta, terra que também trazia uma pouco da história de suas famílias que na maioria eram agricultores. [...] Cada aluno retratou com seus traços e características uma parte da história da comunidade de São Francisco resgatada através de registro fotográfico e de entrevista com alguns moradores.

As proposições realizadas na formação inicial e continuada possuem reflexos positivos nas práticas pedagógicas dos professores em sala de aula. É importante que o professor tenha experiência com arte, nutra o contato com novas técnicas, materiais, e conteúdos da disciplina, para que futuramente possa realizar atividades fundamentadas com seus alunos. Nesse sentido, Arslan e Iavelberg (2007, p. 6) dizem que o professor “[...] tem conhecimento das novas propostas do ensino da arte, mas sente dificuldade de concretizá-las em sala de aula. Não se pode ensinar aquilo que não se conhece. Para tanto é necessário que o professor entre em contato com o universo da arte”. Reflito a partir da escrita dos autores, quantas possibilidades existem de entrarmos em contato com o universo da arte?

Considero fundamental a importância dos professores de Artes participarem de formações na área de conhecimento, mas além disso, desejo evidenciar nesta pesquisa que essas não são as únicas possibilidades de busca contínua de aprimoramento e conhecimento em arte.

Imagem 3 - Série Cartões Postais de lugar nenhum, Rio de Janeiro - Vik Muniz (2013)



Fonte: <http://www.clicrbs.com.br/rbs/image/16497000.jpg>

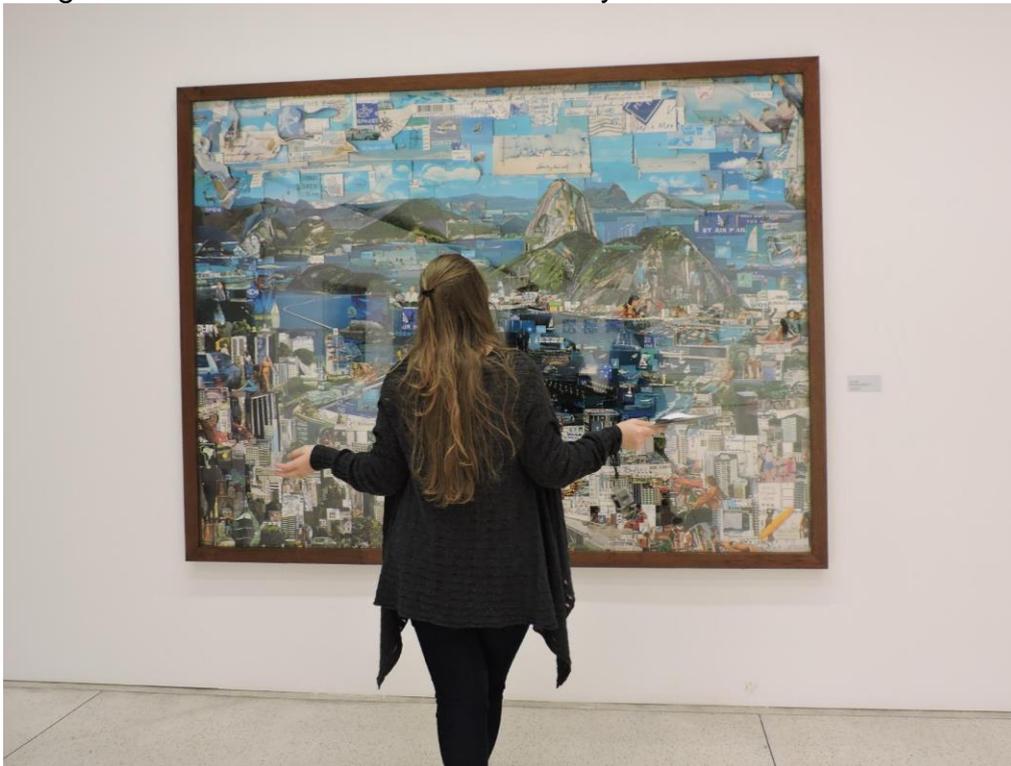
Trago a imagem da produção do artista Vik Muniz¹⁰, que também foi uma das imagens do envelope sorteado às egressas, para iniciar a proposição de pensar a formação continuada na possibilidade de conhecer, transitar e explorar lugares.

Conheci esta produção na viagem de estudos realizada pelo Curso de Artes Visuais – UNESC, no ano de 2016. Na volta da 32ª Bienal de São Paulo, paramos no Museu Oscar Niemeyer localizado na cidade de Curitiba, para visitarmos os espaços de exposições. Lembro-me que ao ver esta produção, meus olhos brilhavam simplesmente por estar à frente de Vik Muniz, um artista brasileiro que eu admiro. Fiquei cativada pelo tamanho da produção, pelas cores frias e neutras em destaque, e pelo material utilizado para expor o Rio de Janeiro. Em casa, ao descarregar e receber as fotos da viagem, aquela produção veio à tona e eu

¹⁰ Informações sobre o artista no site: <http://vikmuniz.net/pt/> Acesso em: 02/10/17 às 18h00.

procurei conhecê-la melhor. Lendo sobre, observei que ela fazia parte de uma série de produções feitas com cartões postais de vários lugares do mundo, me remetendo a ideia de ligação entre pessoas e lugares, de experiências vivenciadas e propagadas. A partir desse pensamento, busco refletir nesta pesquisa, que a formação também se constrói a partir de espaços explorados, viagens realizadas, histórias vivenciadas. Lugares de experiência.

Imagem 4 - Visita ao Museu Oscar Niemeyer



Fonte: acervo da pesquisadora

Para muitas pessoas o termo formação continuada remete apenas a cursos, programas, capacitações, atualizações e palestras que o professor deve participar durante sua trajetória como profissional da educação, para ampliar suas práticas pedagógicas em sala de aula. A meu ver participar desses eventos é elementar para a carreira do professor, e aqui, busco refletir junto a fala das egressas, que a formação continuada está além do que apenas a escola e as secretarias municipais e estaduais podem oferecer, ela está no dia a dia do professor.

A formação continuada dos professores também pode ser vista além dos muros da escola, e conduzida para dentro deles quando aprimorada. Comparo-a como uma viagem, o ato de ir e vir, o conhecimento adquirido naquele lugar, volta

com a pessoa e pode ser ampliado e explorado por várias outras. Ver cartões postais na imagem lembrou-me a necessidade das pessoas compartilharem momentos especiais com alguém, de contarem suas experiências nesses locais. Reflito e me pergunto: como poderíamos estender esses lugares visitados para proposições em sala de aula? Como propor reflexões aos alunos através da nossa própria experiência? Ou melhor, como seria levar os alunos para conhecerem lugares que ampliem seu repertório?

A Daniela, egressa de Artes Visuais, ao tirar do envelope sorteado essa imagem, juntamente com as palavras *alunos* e *formação*, logo a relacionou com a continuidade da formação:

Me formei em 2013, e de lá sempre participei de um curso, outro, fiz pós, mas não, agora tá hora de parar e fazer mais uma pós, porque a gente acaba ficando com dúvidas e principalmente na disciplina de artes, sempre vem coisas novas [...] Tu tens que ter auxílio, tu tens que conviver com outros colegas, tu tem que tá sempre buscando o novo, pra ti ter uma satisfação pessoal, profissional. [...]

É importante que o professor seja um eterno estudante, tenha interesse em ingressar na especialização, mestrado e doutorado. Nesta pesquisa, minha intenção é visibilizar que além desses cursos fundamentais para o currículo do professor, as experiências do seu dia a dia e a construção de suas práticas pedagógicas, também são momentos de formação continuada. Ao refletir sobre a formação profissional do professor de Artes, Lavelberg (2003, p. 52) diz que “Todo professor deve conquistar autonomia progressivamente a fim de sentir-se capaz de buscar aprimoramento de seus conhecimentos e pesquisar por si mesmo e com seus pares”.

Penso que a caminhada do professor é bastante singular. Ele é quem traça seus objetivos, estabelece pesquisas, planos de aulas e projetos visando contribuir no seu trabalho docente. Assim o professor necessita reconhecer que a qualidade e a inovação das suas aulas dependerão consideravelmente dele. A professora egressa Marina integra meu pensamento dizendo que “[...] o conhecimento não é algo que eu adquiri uma vez e pronto, está acabado... É um processo que sempre vai agregando, até porque quando a gente olha as coisas que eu fazia um tempo atrás, “meu Deus, nossa, não é mais isso que eu quero”... Então

eu percebo que aqui eu poderia ter feito diferente". A partir das suas experiências, o professor deve perceber a necessidade de renovação ou alteração das práticas pedagógicas a fim de torná-las cada vez mais potentes e transformadoras na sala de aula.

Todas essas experiências, e aqui as vejo como momentos de acontecimentos, desafios, acertos e erros, fazem parte do dia a dia do professor. Refletindo a formação continuada por esse eixo, o professor que abordo aqui, é um colecionador de experiência, aquele que é aberto a vida e a arte, que não vê a formação como algo cumulativo ou apenas acréscimo salarial, mas que acredita que "A arte traz mesmo essa possibilidade quase infinita de nos surpreender continuamente, de experimentarmos ao abismo de sermos outros, de termos outros modos, outras formas". (LOPONTE, 2015, p. 223). Essa reflexão surge a partir do meu olhar para outra imagem de produção artística do Vik Muniz, agora da sua série Lixo Extraordinário do ano de 2008:

Imagem 5 - Série Lixo extraordinário, The Bearer Irma – Vik Muniz (2008)



Fonte: <http://vikmuniz.net/wp-content/uploads/2012/01/Irma-the-Bearer-297x387.jpg>

A imagem dessa produção também estava presente em um dos

envelopes da conversa com as professoras egressas de Artes. A Juliana foi quem a retirou, junto com as palavras *experiência* e *disciplina de Artes*. A partir dessa discussão, ela relata que a imagem de Vik Muniz faz relação com essas palavras e com o professor na *“questão de reutilizar, se refazer, se reconstruir a todo tempo [...] o artista, usa elemento que para os outros parece que não tem significado, e aqui ele encontra significado, que é a criação. [...] o professor, ele pode achar sentido e significado em várias situações, ele tem que procurar no seu dia a dia [...] está dentro dele mover as possibilidades, porque está com ele, está no outro, mas ele tem que querer estar disposto e aberto”*.

O professor necessita, assim como Vik Muniz, encontrar os sentidos e os significados no seu trabalho docente. Precisa compreender que a formação continuada ultrapassa salas quadradas, auditórios e lugares que contém uma só pessoa falando como pode e deve ser feito o seu trabalho pedagógico. A formação docente, essa que é contínua, está no cotidiano do professor de Artes, no seu dia a dia em sala de aula, nas experiências vividas em uma viagem ou bienal, na conversa com o outro, nas festas culturais de outras cidades, nas suas pesquisas pessoais.

[...] a formação continuada inclui cursos e as pós graduações estendendo-se a relação com os outros professores e com o ambiente escolar, a auto formação, que é essa capacidade de estudar sozinho, pesquisar, não só obter informação, mas o conhecimento, a busca por livros, materiais da área de atuação, conversas com os colegas... (Juliana)

São inúmeras as possibilidades de ampliação do repertório artístico e cultural do professor, que deve também ampliar a do seu aluno. Ferraz e Fusari (2009, p. 23), dizem que há um *“[...] diálogo crescente com a arte, visitando museus, participando de exposições, concertos, assistindo espetáculos, como a possibilidade de ampliação dos conhecimentos”*. E a egressa Marina aponta que *[...] a gente tem que estar sempre buscando... E não necessariamente por meio de um curso, uma pós-graduação, mas uma leitura, uma exposição, uma viagem, um livro, um filme, uma conversa com alguém, qualquer coisa eu acho que pode te despertar, trazer conhecimento. Eu acredito que essa busca incessante, ter a noção que eu não cheguei no final, que este caminho é para a vida toda [...]*.

Volto a dizer que esse processo é o ato de ir e vir. Ir, no sentido de

explorar, expandir, conhecer; e vir, é voltar para sala de aula com toda essa bagagem adquirida; na leitura de um livro, em uma exposição visitada, em filme assistido no final de semana... E apresentar para os alunos, transformá-la em proposições para serem exploradas junto a eles. Isso também é ampliação de conhecimento. Nós, professores de Artes, precisamos pensar nossa formação a partir da docência artista (LOPONTE, 2015), aquela que transita, se reinventa, se estabelece nas relações com outras pessoas, que começa tudo de novo quando necessário, e sobretudo, nunca está finalizada.

No capítulo seguinte, apresento meu projeto de curso, obrigatório na pesquisa de TCC de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais de 2009.

5 UMA PROPOSTA, MAIS UM CAMINHO

Título: Experiência e invenção.

Ementa: O professor de Artes e suas narrativas. A formação continuada de professores de Artes. O repertório artístico-cultural-científico.

Carga horária: Encontro de 8h

Público alvo: Professores de Artes

Justificativa:

A experiência com a pesquisa, neste período do trabalho de conclusão do curso, me fez refletir e pensar sobre o espaço da formação continuada dos professores de Artes e como este espaço pode ser centro de discussões e aberturas de pensamento sobre o papel do professor de Artes nas escolas e do ensino da arte no campo da educação. É neste contexto que surge o projeto de curso que chamo de *Experiência e Invenção*. Um projeto que destaca a importância da busca de conhecimento permanente na profissão docente. Conhecimento científico, estético, sensível.

Acredito que o professor deva ser um participante nos momentos de discussão sobre a formação continuada, e não apenas um ouvinte. Uma proposição que se configura em uma conversa entre professores de Artes a partir de suas narrativas autobiográficas, e sobre o espaço da experiência em sua formação. Honorato (2015, p. 42) destaca que “Na formação de professores e professoras a experiência pode acontecer também. Podem acontecer várias experiências, mas cada uma é única no sentido de ser singular. É na singularidade que a transformação acontece”. Um espaço de invenção, um espaço de mudanças.

Objetivo geral:

Oportunizar um encontro de professores de Artes a fim de evidenciar a importância das narrativas e da experiência na busca por conhecimentos contínuos.

Objetivos específicos:

- Reconhecer a necessidade da busca por conhecimento contínuo ao longo da profissão docente;
- Perceber no diálogo e na visita aos espaços de exposições, as diferentes possibilidades de formação continuada;
- Compreender a importância de ser um professor aberto à experiência.

Metodologia:

A proposta é que o encontro aconteça na UNESCO das 9h às 17h. O mesmo iniciará com uma mesa de conversa mediada por uma pesquisadora em formação de professores. Ela proporá um debate sobre o papel da formação continuada na profissão docente, assim como reflexões sobre ser um professor aberto à experiência e sobre as possibilidades de busca de conhecimento científico, estético e sensível. A composição da mesa contará com três professores de Artes da Educação Básica que trarão suas narrativas para contribuir com o debate. Apesar de haver uma mesa composta com 4 pessoas a participação do público é fundamental para o sucesso do debate. A ideia é que o encontro se constitua, sim, em uma conversa. Logo após a conversa, haverá pausa para o almoço, o plano é que todos os participantes almocem juntos, e às 14h inicia-se uma visita mediada a Sala Edi Balod e ao Espaço Cultural Toque de Arte. O objetivo das visitas é de continuar o debate e pensar a partir da experiência, diferentes formas de construção de conhecimento para a ampliação do repertório artístico-científico-estético-sensível destes professores.

Referência do projeto:

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. **Trajetórias cartográficas na formação de professores e professoras de artes:** Espaços do Possível. 2015. 133 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, Tubarão, 2015.

6 UMA PARADA PARA CONSIDERAR E NÃO PARA CONCLUIR

Como acadêmica do curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC, ainda em formação inicial, ter o contato com escolas, salas de aulas e alunos é um grande privilégio proporcionado antecipadamente pelo PIBID, estágios obrigatórios e o PROESDE. Todas essas experiências são fundamentais em meu percurso de me tornar professora de Artes, e me dão embasamentos para atuar em sala de aula.

Sempre entendi que ser professor não é uma profissão fácil, e por isso quando eu me deparava com aulas estagnadas, desmotivadas e repetitivas, em que o professor apenas ia para aula, mas não participava dela, me sentia inquieta. Meu tema de TCC surge a partir da minha observação para essas aulas e do meu medo de me tornar uma professora assim, logo, em querer compreender melhor a realidade na sala de aula, a formação continuada e a prática docente dos professores de Artes.

Sabendo que seria difícil falar de algo que eu ainda não exerço, ministrar aulas, e paralelamente buscar a formação continuada enquanto professora de Artes, minha pesquisa de campo efetivou-se em conversas com três egressas do curso de Artes Visuais da UNESC. Conversas livres, abertas, cheias de significados, que me mostraram diversos pensamentos, possibilidades e opiniões sobre o campo da arte, e me fizeram acreditar que a arte, sim, tem um grande potencial nas escolas e na vida dos alunos.

Com o relato das professoras egressas, percebi que trabalhar arte na escola é desafiador todos os dias, mas que todas batalham, estudam, planejam suas aulas, pois acreditam na autenticidade da nossa área de conhecimento, a fim de transformar diariamente os ambientes nos quais se inserem. Além de contarem suas experiências, também se sentiram à vontade para falarem das dificuldades, a adaptação na rotina escolar, os planejamentos e planos de aula que precisam ser realizados, e até mesmo a falta que faz uma sala de artes quando não há uma disponibilizada pela escola.

Através da minha questão problema, que teve com foco central a formação continuada, pude averiguar que todas as professoras egressas buscam por formação continuada, e aprimoram seu conhecimento de diferentes maneiras, pois se preocupam com sua prática docente em sala de aula. Na conversa, concordamos em diversos assuntos, mas principalmente quando defendemos que a

formação continuada está além de cursos, capacitações e pós-graduações. Assim como eu, elas entendem que a formação continuada é também a conversa com o outro, a autoformação, as pesquisas diárias, viagens realizadas, exposições visitadas, filmes assistidos. Compreendi que ela está no cotidiano do professor de Artes, na sua permanente construção e evolução pessoal e profissional.

Ao perguntar se as egressas utilizam materiais da graduação e de outros cursos na preparação de suas aulas, todas responderam que sim, e citaram exemplos de atividades, técnicas, textos, e o portfólio de Pintura e Pesquisa, comentado unanimemente. Pude perceber que especialmente as experiências proporcionadas pelo curso de Artes Visuais afetam suas formações, e as impulsionam a pensar como essas atividades poderiam ser realizadas em sala de aula com seus alunos.

Durante a minha formação inicial venho adquirindo experiências que me transformam constantemente e me fazem acreditar que somos as únicas pessoas responsáveis pela nossa formação, e pela qualidade das nossas aulas. Todos os relatos de experiências das egressas na construção de se tornar professor, reforçam a importância da experiência com arte e a necessidade de se permitir.

Nesta pesquisa, aprimorei minha concepção sobre possibilidades de ampliação de conhecimento e formação continuada, e pude compreender que a experiência com arte, dentro e fora do espaço escolar, move as práticas pedagógicas dos professores de Artes.

Espero que eu tenha promovido também essas reflexões aos leitores, destacando a importância de ter uma visão crítica sobre a prática pedagógica e aprimorá-la frequentemente, nas possibilidades que o professor tem na busca de conhecimento, e na necessidade de viver e compartilhar experiências com o outro.

Meu papel como professora de Artes está se construindo aos poucos, mas acredito que esta pesquisa ampliou meu olhar para a profissão professor, e me oportunizou conhecer melhor o seu dia a dia, seus desafios, conquistas, a busca por aprimoramento e pela qualificação profissional.

Constatei que a formação inicial é realmente apenas um ciclo que se inicia na carreira do professor, e ao finalizar essa etapa, muito ainda se tem para aprender. O mundo contemporâneo exige certa atualização dos docentes para que eles possam acompanhar as novas gerações que entram a cada ano nas escolas,

sendo importante se adaptarem aos novos recursos, estarem atentos às atualidades e se apropriar de diferentes ferramentas nas proposições das aulas.

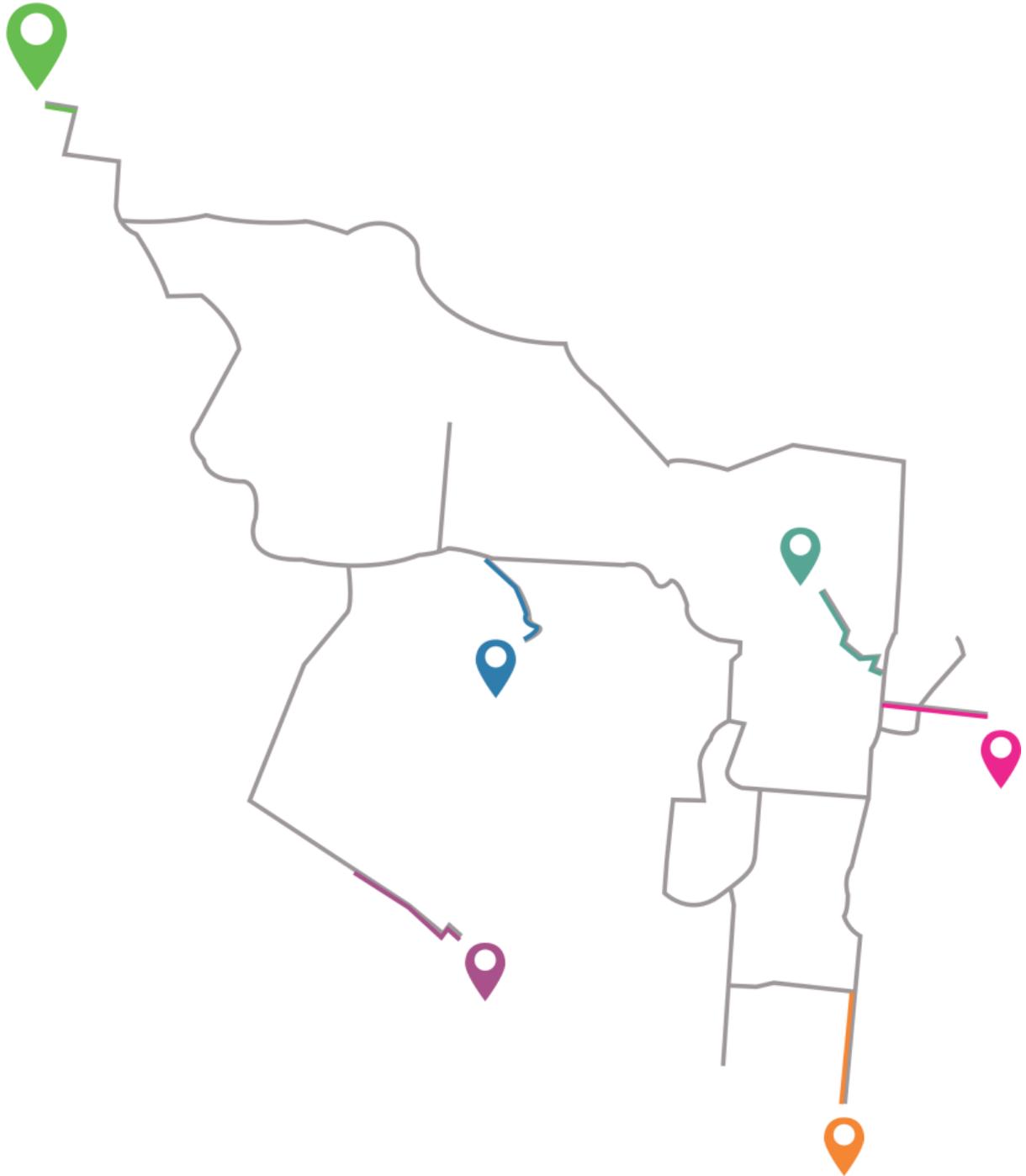
Através das imagens de produções contemporâneas e das minhas reflexões a partir delas relatadas na pesquisa, penso também que falar sobre a história da arte e dos movimentos artísticos é fundamental, mas esses não são os únicos assuntos que a disciplina de Artes abrange. Muitas vezes os alunos se sentem saturados, pois os professores se prendem apenas a conteúdos que transmitem segurança a eles, e não se autodesafiam em apresentar o contemporâneo e suas infinitas possibilidades em sala de aula.

Mas falar é sempre muito mais fácil que agir. Pensar o professor que queremos ser e o que não queremos nos tornar é simples, o difícil mesmo é colocar em prática todo este pensamento. Confesso que muitas vezes é assustador pensar na profissão docente, em todos os contras que existem e nas queixas que escuto diariamente de muitos professores. No entanto, pesquisar este tema - formação continuada - me impulsionou e me fez acreditar que é possível tornar-nos o professor que desejamos ser, e que não devemos nos deixar afetar por opiniões contrárias e conselhos desmotivadores. A formação continuada é fundamental na vida docente, pois motiva o professor a ser um profissional ativo, inovador e qualificado na sua área de conhecimento.

O professor que se preocupa com a sua atuação docente, se atenta em criar novas possibilidades aos alunos, a proporcionar experimentações, a fazer de suas aulas momentos de reflexão e troca de conhecimentos. Meu desejo é que assim como esses professores, eu também possa um dia fazer a diferença na vida dos meus alunos, com um aprendizado significativo e repleto de experiências com a arte.

Finalizo aqui o texto deixando a você leitor, um mapa com a minha localização, e as localizações das escolas onde as professoras, minhas parceiras na pesquisa, atuam, trazendo a ideia de caminhos, territórios, trajetórias e possibilidades na formação do professor de Artes Visuais. Que este mapa provoque em cada um o desejo de buscar seus caminhos na construção de sua história como professor.

Imagem 6 – Mapa



Fonte: criação da pesquisadora

REFERÊNCIAS

- ARCHER, Michael. **Arte contemporânea: uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ARSLAN, Luciana Mourão; IAVELBERG, Rosa. **Ensino de arte**. São Paulo: Cengage Learning, 2007.
- ASSIS, Henrique Lima. Somos aquilo que narramos: relações entre experiências vividas e objetos que habitam as casas. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. (Org.) **Arte, educação e cultura**. 2. ed. rev. e ampl. Santa Maria: Ed. UFSM, 2015. p. 119-132.
- BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.
- BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- BIASOLI, Carmen Lúcia Abadie. **A formação do professor de arte: do ensaio...à encenação**. Campinas, SP: Ed. Papyrus, 2007.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- CANDAU, Vera Maria. (Org.) **Magistério: construção cotidiana**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- DIAS, Belidson. *A/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes*. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: UFSM, 2013. p. 21-26.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do ensino da arte: fundamentos e proposições**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- HERNÁNDEZ, Fernando. A construção da subjetividade docente como base para uma proposta de formação inicial de professores de Artes Visuais. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.). **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria: UFSM, 2005. p. 23-42.
- HERNÁNDEZ, Fernando. A pesquisa baseada nas artes: propostas para repensar a pesquisa educativa. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: UFSM, 2013. p. 39-62.
- HONORATO, Aurélia Regina de Souza. **Trajetórias cartográficas na formação de professores e professoras de artes: Espaços do Possível**. 2015. 133 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, Tubarão, 2015.
- IAVELBERG, Rosa. **Investigação didática na prática de formação dos**

professores de arte. In: II SIMPÓSIO INTERNACIONAL: FORMAÇÃO DE EDUCADORES EM ARTE E PEDAGOGIA, 2., 2016, São Paulo. Anais do Simpósio internacional: formação de educadores em arte e pedagogia. São Paulo: Terracota, 2016. p. 110-119.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

LARROSA Bondía, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber experiência.** Revista Brasileira de Educação. n.19, jan - abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte da docência em arte: desafios contemporâneos. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. (Org.) **Arte, educação e cultura.** 2. ed. rev. e ampl. Santa Maria: Ed. UFSM, 2015. p. 215-232.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura.** 2. ed., rev. e ampl. São Paulo: Intermeios, 2012.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **Educação pelo sensível.** Linguagens – Revista de Letras, Artes e Comunicação. Blumenau, v. 1, n. 2, p. 113-127, 2007.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Formação de professores: ensino de arte e tecnologias contemporâneas. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. (Org.) **Arte, educação e cultura.** 2. ed. rev. e ampl. Santa Maria: Ed. UFSM, 2015. p. 269-278.

ROSA, Maria Inês de Freitas Petrucci dos Santos; SCHNETZLER, Roseli Pacheco. A Investigação-Ação na formação continuada de professores de ciências. **Ciência & Educação.** São Paulo, v. 8, n. 1, p.27-39, fev. 2003. Disponível em: <<http://www.unimep.br/~rpschnet/ciencia-educacao-2003.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2017.

SINNER, Anita et al. Analisando as práticas dos novos acadêmicos: teses que usam metodologias de pesquisas em educação baseadas em arte. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia.** Santa Maria: UFSM, 2013. p. 99-124.

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A – Autorização do uso de imagem, fala e escrita.

	<p>UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA</p>
---	---

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

Eu, (NOME), _____ (ESTADO CIVIL),
 _____ (PROFISSÃO), _____ portador(a) da
 carteira de identidade nº (NÚMERO), _____ expedida pelo (ÓRGÃO
 EXPEDIDOR), _____ inscrito(a) no CPF sob o nº
 (NÚMERO) _____, residente e domiciliado(a) no (ENDEREÇO),

autorizo, de forma expressa, o uso e a reprodução de minha imagem, do som da
 minha voz, sem qualquer ônus, em favor da pesquisa da acadêmica Isabela Barp
 Brogni do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação da Prof.^a Dra. Aurélia
 Regina de Souza Honorato para que o mesmo os disponibilize como dados da
 pesquisa de campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima
 descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos
 à minha imagem, conexos ou a qualquer outro.

Local e data: _____

Assinatura: _____

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa
